



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

REBECA BARBOSA PEREIRA DE SOUZA

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO MEDO NA LITERATURA INFANTIL

**João Pessoa
2020**

REBECA BARBOSA PEREIRA DE SOUZA

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO MEDO NA LITERATURA INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba – Campus I, em cumprimento as exigências necessárias para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Marilene Salgueiro

**João Pessoa
2020**

**Catálogo na publicação Seção de
Catálogo e Classificação**

S729c Souza, Rebeca Barbosa Pereira de.

A construção social do medo na literatura infantil /
Rebeca Barbosa Pereira de Souza. - João Pessoa, 2021.
31f.

Orientação: Marilene Salgueiro.

TCC (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Emoção. 2. Emoção - medo. 3. Literatura infantil. I.
Salgueiro, Marilene. II. Título.

UFPB/CE

CDU 373.2(043.2)

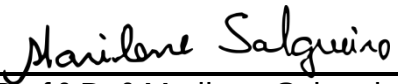
REBECA BARBOSA PEREIRA DE SOUZA

CONSTRUÇÃO SOCIAL DO MEDO NA LITERATURA INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba – Campus I, em cumprimento as exigências necessárias para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: 07/12/2020

BANCA EXAMINADORA



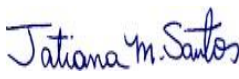
Prof.^a Dr.^a Marilene Salgueiro

Orientadora



Prof.^a Dr.^a Andréia Dutra Escarião

Examinadora



Prof.^a Dr.^a Tatiana de Medeiros Santos

Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico à minha família que tem sido a base e a
motivação para tudo ter acontecido até aqui.
Amo vocês!!!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu esposo Otacílio Pereira de Souza por todo amor, apoio, meu maior incentivador para fazer o ENEM em 2015, companheirismo durante toda essa jornada, afinal são vinte (20) anos ao seu lado, sou eternamente grata meu amor, te amo para sempre. Aos meus filhos Samuel Barbosa Pereira de Souza e Gabriel Barbosa Pereira de Souza, por todo amor, paciência com a mamãe, por entenderem o quão esse curso é importante para todos nós, vocês são a minha maior alegria, motivação e o meu maior orgulho, amo vocês.

A minha querida e amada mãe Maria do Carmo Gonzaga Bezerra, por todo amor, por ser essa mãe maravilhosa, agradeço por todos os cuidados, incentivo, paciência e por sempre acreditar no meu potencial, obrigada por todo investimento de uma vida toda nos meus estudos, sempre se preocupando com meu futuro, sempre querendo meu melhor, sou eternamente grata, te amo mãe.

A minha querida e amada irmã Raquel Bezerra Barbosa de Moura e ao meu cunhado Walter Bezerra de Moura, por me motivarem, incentivarem, obrigada por toda ajuda durante esses anos, vocês são benção na minha vida e na minha família, serei eternamente grata. Aos meus lindos e amados sobrinhos Sarah a (princesa da tia) e Pedro o (fofinho da tia), vocês são a alegria da família, amo vocês demais.

A minha sogra Tânia Maria de Araújo, as cunhadas Sislene Pereira de Souza e Flávia Pereira de Souza e ao sobrinho Lucas, mesmo distante sempre me apoiando e nos ajudando durante esses anos, sou muito grata por tudo.

A minha querida orientadora professora Dra. Marilene Salgueiro por acreditar em mim, lembro do primeiro dia de aula da sua disciplina, o medo de não conseguir foi grande, mas sua sensibilidade de reconhecer nosso potencial foi surpreendente, sou muito grata por se dispor a contribuir para minha formação acadêmica, me acompanhar e orientar em todo esse trabalho, como foi bom conhecê-la, serei eternamente grata.

As professoras Tatiana de Medeiro Santos e Andréa Dutra Escarião por aceitarem fazer parte da Banca Examinadora do meu trabalho de Conclusão de Curso, muita gratidão pela disposição de vocês.

Aos professores do curso de Pedagogia – UFPB pelos ensinamentos, por contribuírem na minha formação acadêmica, vocês têm uma grande participação na minha jornada como pedagoga.

As minhas queridas amigas e companheiras de jornada acadêmica Fabiana e Laudeneide por serem inspiração, guerreiras e companheiras, obrigada amigas por todo incentivo e companheirismo durante todo esse tempo.

A minha turma 2016.2, todos os colegas que estiveram comigo durante todo esse tempo, gratidão pelas amizades e estudos, foi muito bom conhecê-los, que possamos nos encontrar ainda durante essa caminhada.

A minha querida igreja Do Nazareno aqui em João Pessoa, por todos os queridos irmãos amigos, aos pastores que durante todo esse tempo me incentivaram, apoiaram, foram mãos amigas nas horas difíceis, pelas orações, Deus recompense à todos vocês.

Ao meu pai Divaldo (in memória), minha tia Terezinha (in memória) que estariam se alegrando, desfrutando comigo desse momento, mas não estão mais entre nós, pai você estaria orgulhoso de mim, amo vocês para sempre.

Gratidão ao Arthur por corrigir todo este trabalho, você foi show!

Ao meu Deus que me deu vida, por ter feito um milagre em mim, ao meu Jesus Cristo Salvador e por seu amor naquela cruz, ao Espírito Santo por ser meu ajudador nas horas difíceis, nas horas em que eu achei que não ia conseguir, só a graça e a misericórdia, o amor e a fé me sustentaram até aqui. Obrigada meu Deus por essa conquista, toda Honra, Glória e Louvor seja a dadas a ti.

“Um livro é um brinquedo feito com letras. Ler é brincar”.

Rubem Alves

RESUMO

O tema desta pesquisa é “A construção social do medo na literatura infantil. Realiza uma reflexão sobre a emoção do medo e a literatura infantil. Trata, inicialmente, dos conceitos de emoção, como se define a emoção do medo e a importância da literatura infantil. Investiga como se dá a construção social da emoção do medo na literatura infantil. O objetivo geral é identificar de que forma a literatura infantil aborda as emoções humanas, especificamente a emoção do medo. Realiza uma análise do processo de construção da emoção do medo na literatura infantil e como ela é construída, identificada e socializada. A reflexão sobre o tema desse estudo baseou-se nas histórias infantis, sendo definidas entre elas: Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, João e Maria e Os Três Porquinhos, cujas narrativas apresentam os personagens em situações causadoras de emoções sendo a emoção do medo fundamental para a construção dessas narrativas. Atendendo aos objetivos propostos, a análise pautou-se por evidenciar nas trajetórias das histórias a construção do medo que, da forma como é apresentado, reflete a sociedade e as relações que se constroem e fazem parte do desenvolvimento do sujeito da infância à vida adulta. É relevante destacar que os personagens sempre são apresentados numa relação de poder hierárquica cuja polarização reflete o poder de uns sobre os outros. Nas histórias, o medo apresentado como uma resposta emocional causada pelos estímulos geradores desta emoção. Conclui-se que a emoção do medo é inata, mas também resultante de um processo de construção social.

Palavras-Chave: Emoções; Emoção do medo; Literatura infantil.

ABSTRACT

The theme of this research is "The social construction of fear in children's literature. Performs a reflection on the emotion of fear and children's literature. It initially deals with the concepts of emotions, how to define the emotion of fear and the importance of children's literature. It investigates how the social construction of the emotion of fear occurs in children's literature. The general objective is to identify how children's literature addresses human emotions, specifically the emotion of fear. Performs an analysis of the process of building the emotion of fear in children's literature and how it is constructed, identified and socialized. The reflection on the theme of this study was based in children's stories, being defined among them: Snow White, Little Red Riding Hood, Hansel and Gretel, and The Three Little Pigs, whose narratives present the characters in situations causing emotions being the emotion of fear fundamental to the construction of these narratives. Meeting objectives proposed, the analysis was based on evidencing in the trajectories of the stories the construction of fear that, as presented, reflects society and relationships that are built and are part of the development of the subject of childhood to adult life. It is relevant to highlight that the characters are always presented in a hierarchical power relationship whose polarization reflects the power of some over others. In the stories, fear is presented as an emotional response caused by the stimuli that generate this emotion. It is concluded that the emotion of fear is innate, but also the result of a process of social construction.

Keywords: Emotions; Emotion of fear; Children's literature.

SUMÁRIO

1	COSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1	Emoções e Indivíduos.....	12
2.2	A emoção do medo.....	14
2.3	Medo e literatura infantil.....	17
3	PERCURSSOS DA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA.....	22
3.1	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	23
4	A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA EMOÇÃO DO MEDO NOS CONTOS INFANTIS.....	23
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
	REFERÊNCIAS.....	30

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O tema desse trabalho surgiu de uma afeição desenvolvida inicialmente pela literatura infantil. A partir de um curso de contação de histórias realizado durante a graduação em Pedagogia pude apreciar e ver a importância das histórias infantis, para a sociedade em geral, para o ambiente escolar e até familiar. A contação de histórias e os personagens das histórias infantis fazem parte do imaginário das crianças e consequentemente, do seu processo de desenvolvimento sociocultural e emocional.

Ainda no decorrer do curso tive a oportunidade de conhecer a Educação Emocional, a influência das emoções e especificamente da emoção do medo no processo de desenvolvimento dos sujeitos. Sabendo que, historicamente a sociedade é constituída e reconhece como cidadãos os sujeitos adultos, podemos pensar e refletir sobre quem são os adultos contadores de histórias, o contexto social no qual se inserem e quais emoções fazem parte da literatura infantil e como são transmitidas para essas crianças. Dai decorrem os seguintes questionamentos: Como a literatura infantil aborda as emoções e o que querem transmitir? Como os contos apresentam a emoção do medo? Como se dá o processo de construção social do medo na literatura infantil? Pensando nisso surge o interesse em aprofundar o tema “A construção social do medo na literatura infantil”, visando entender como pode ser identificada a construção social da emoção do medo na literatura infantil e como os educadores poderão identificar as emoções, especificamente a construção social da emoção do medo ao trabalhar os contos infantis.

Nossa pesquisa investiga como se dá a construção social da emoção do medo na literatura infantil. Objetivando identificar de que forma a literatura infantil aborda as emoções humanas, fizemos uma análise do processo de construção da emoção do medo na literatura infantil e como essa emoção do medo é identificada e socializada.

Interessa em nosso estudo compreender como as emoções são construídas socialmente na literatura infantil. A partir do conhecimento do núcleo de educação emocional da UFPB através da professora Dra. Marilene Salgueiro ¹ e seu

¹ Dra. Marilene Salgueiro, Profª Adjunta do CE/UFPB; vice-coordenadora do Núcleo de Educação Emocional – Neemoc (2019-2020)

desenvolvimento de atividades relevantes como palestras, encontros e fóruns, tive a oportunidade de acesso aos conhecimentos sobre as emoções humanas e principalmente sobre a emoção do medo, seus impactos no desenvolvimento humano e sobretudo no desenvolvimento pedagógico. A partir do contato com essas duas áreas de conhecimento, pude perceber como é possível fazer uma análise e reflexão sobre essa emoção na literatura infantil, principalmente nos contos infantis.

Entendendo que existem emoções inatas ao ser humano e comum à todos os animais, são identificadas seis emoções inatas e universais: raiva, tristeza, alegria, nojo, surpresa e medo que compõem a integralidade do ser e cumprem uma função adaptativa e protegida no desenvolvimento da humanidade.

Quando os sujeitos estão inseridos em espaços socialmente constituídos estas emoções inicialmente inatas podem ser provocadas por eventos relacionados ao contexto social o que propicia uma produção social de determinadas emoções. Podemos perceber que muitas situações geradas socialmente produzem uma expansão da vivência emocional. Exemplificamos com situações de violência extrema que produzem insegurança e geram uma reação de medo, neste caso, considerado medo socialmente produzido.

A relação entre a emoção do medo natural e construída socialmente pode interferir no desenvolvimento dos sujeitos e em suas respostas emocionais diante de determinadas situações. Por essa razão a relevância da temática. Refletimos sobre os aspectos da construção social da emoção do medo na literatura infantil. Pretendemos que educadores reflitam sobre como as emoções são construídas socialmente na literatura infantil e suas influências no desenvolvimento pessoal e educacional dos estudantes, entendendo que o medo é uma emoção que, se vivenciada de forma desregulada, provoca sensações desagradáveis e causa impacto nas interações sociais, desenvolvimento pessoal e educacional.

O trabalho está organizado em quatro capítulos: o primeiro referente às considerações iniciais, o segundo as emoções e os indivíduos, com os subcapítulos: a emoção do medo, o medo e a literatura, o terceiro o percurso da construção da pesquisa e o quarto a construção social da emoção do medo nos contos infantis.

A pesquisa desenvolvida é de grande relevância para a educação tendo em vista ser uma pesquisa que aproximará educadores e famílias a esse fenômeno. Espera-se contribuir com o debate da atualidade em relação ao necessário e urgente enfrentamento da educação no desenvolvimento das habilidades emocionais,

questão preconizada na Base Nacional Comum Curricular². É um tema pioneiro para a educação, trazendo contribuições de relevâncias significativas para educadores e famílias.

O tema na perspectiva sócio política é importante porque trata de aspectos sociológicos e educacionais necessários ao enfrentamento de questões sobre a forma como a sociedade, família e educadores entendem a emoção do medo e como ela é apresentada na Literatura Infantil. Partimos do pressuposto de que essa abordagem não é tratada de uma forma clara e objetiva nas escolas e nem na sociedade de uma forma geral.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Emoções e Indivíduos

A construção social da emoção do medo na literatura infantil é uma temática pouco explorada, mas de uma relevância significativa para educadores e famílias. Para referenciar o tema, apresentamos o conceito de emoção, que é definido segundo Cassassus (2009), como uma energia que nos afeta e nos impulsiona a ação. Ainda segundo Cassassus (2009, p. 22), “as emoções sempre estiveram no centro de nossa capacidade de sobreviver e estão no centro de nossa capacidade de evoluir”.

As emoções fazem parte do ser humano e começam a ser vivenciadas inicialmente na infância, sendo inatas fazem parte do sujeito em seu desenvolvimento pessoal e social.

Podemos perceber que a razão de se buscar a raiz da palavra emoção nos fará compreender com mais detalhe seu significado. É importante no estudo sobre as emoções identificar seu significado a partir da sua origem etimológica e seu significado original.

A busca pela raiz latina da palavra emoção remete para *affectus* (o que é afetado) e *animi motus* (movimento do ânimo). Pode se compreender que a palavra emoção traz consigo a ideia de movimento, distante de algo imóvel, imutável ou estável. Na origem da palavra, a emoção está relacionada com um movimento interior

²BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 09 dez. 2018.

gerado por algo que afeta a nossa alma. (POSSEBON, 2017a, p. 15-16).)

Se a ideia de movimento é precípua à emoção, isso pressupõe que é necessário que algo aconteça para fazer sentido, a emoção gera uma resposta do organismo frente a estímulos vivenciados.

Assim, entendemos que emoção traz em si um movimento, sendo esse movimento um movimento interior. A emoção sendo inata ao ser humano são consideradas por alguns autores como universais ou primárias: “Seis emoções constituem o conjunto das emoções básicas: alegria, raiva, tristeza, surpresa, nojo e medo.” (POSSEBON, 2017a, p. 66). É considerado um padrão universal e expressado através da expressão do corpo. As emoções básicas são inatas aos indivíduos e responsáveis por sua evolução e sobrevivência e possui um conjunto de desencadeantes:

Cada emoção possui um conjunto de desencadeantes. Isto quer dizer que algumas situações específicas geram determinadas emoções. Por exemplo, quando uma pessoa perde alguém ou alguma coisa muito importante para ela, a tendência natural será a de, primeiramente, ficar triste. Cada evento ou padrão situacional revelar um desencadeante específico, relacionado com a emoção sentida. (POSSEBON, 2017a, p. 69-70)

Sendo assim entendemos que para haver uma emoção precisa-se de um EEC (Estímulo Emocional Competente) desencadeador. As emoções são assim comuns a todos os animais e aos seres humanos, neste caso, independente de cultura, raça, classe social, estrutura familiar.

Podemos entender que Estímulo Emocional Competente (EEC) como afirma (CAGNIN, 2008, p. 475):

Para Damásio (2004), uma emoção propriamente dita seria um conjunto de respostas químicas e neurais que formam um padrão distinto e têm um papel regulador em relação à vida, sendo estas respostas produzidas quando o cérebro normal detecta um estímulo emocional competente (EEC), ou seja, o objeto ou evento cuja presença real (ou recordada) desencadeia a emoção. Por sua vez, o cérebro está preparado para responder a certos EEC com repertórios de ação especializados (alguns desses EEC foram adquiridos pela experiência, outros foram mais prescritos pela evolução). Por último, o resultado imediato dessas respostas é uma alteração temporária do estado do corpo e dos estados das estruturas cerebrais que mapeiam o corpo e dão suporte para o pensamento, sendo o resultado final desse processo a colocação do indivíduo em circunstâncias que, direta ou indiretamente, levam à sobrevivência e ao bem-estar do mesmo (DAMÁSIO, 2004, p. 61).

Para que tenhamos uma reação a algo que aconteça conosco, precisa ter estímulo emocional, nossa emoção será uma reação a esse acontecimento, nosso organismo oferece resposta a esses estímulos, precisamos entender que não será qualquer situação que segundo POSSEBON (2017) nos diz:

Nesses termos não é qualquer situação, evento ou recordação que têm o poder de causar uma emoção. Para que o evento emocione, ele precisa ser um Estímulo Emocional Competente – EEC. Assim, toda emoção surge da avaliação que a pessoa faz da realidade, tudo depende de como percebemos a situação. (POSSEBON, 2017a, p. 30)

Sendo assim é necessário haver uma leitura da realidade para que o indivíduo possa desencadear uma emoção e através do Estímulo Emocional Competente que isso ocorre ao ser humano.

2.2 A emoção do medo

Compreendendo o conceito de emoção e sua condição inata ao indivíduo é importante para nosso estudo o entendimento da emoção do medo e seu significado:

O medo é a maior herança emocional do processo de evolução humana, pelo seu valor de sobrevivência. É esta herança protetora que permite afirmar que temos uma predisposição filogenética para aprender determinados medos, para associar determinados estímulos a respostas de medo, como por exemplo, a cobras, altura, escuridão, estranhos dentre outros (FERNÁNDEZ – ABASCAL *et. al.*, 2015, *apoud* POSSEBON, 2017b, p. 19).

Entendemos que o medo, assim como as demais emoções inatas é uma emoção que assume uma função protetiva, ela nos protege de perigos ou ameaças, por essa razão sua importância para o desenvolvimento do ser humano. O medo aparecerá como uma resposta em situações ou circunstância de ameaça, dano ou perigo.

“O medo produzido socialmente converte-se em cada sujeito numa espécie de medo existencial, mas não se reduz à experiência individual do ser humano, pois pode ser uma experiência social.” (SALGUEIRO, 2018, p. 2). Ao enfatizar experiências sociais ou coletivas é necessário perceber a extensão que o medo ao

sair da esfera do natural, inato para a esfera da produção social atinge uma dimensão de partilha.

É necessário entender que os estímulos desencadeadores do medo podem ser reais, externos ou internos resultantes de lembranças de experiências passadas ou imaginário.

Quando afirmamos que o “medo pode vir de um estímulo emocional imaginário não significa que ele seja menos intenso.” (POSSEBON, 2017b, p. 21).

Sendo assim a autora explica que “Paradoxalmente, quanto mais irreal, mais difícil é de ser combatido.” (POSSEBON, 2017b, p. 21).

E isso explica porque até os mais valorosos guerreiros, capazes de lançar-se a descoberto contra uma muralha de fogo ou de lanças, retrocedem espavoridos ante a suspeita de um inimigo tênue e invisível. É assim que os “mortos” assustam mais que os “vivos”; os “fantasmas” angustiam e torturam as mentes ingênuas muito mais que um bandido de carne em osso; em suma, o que não existe oprime mais do que aquilo que existe. Não obstante, seria injusto negar a existência a isso que não existe, no sentido comum do termo, pois a verdade é que existe na imaginação, ou seja, criado por quem o sofre e justamente por isso, não lhe pode fugir, pois seria necessário fugir de si próprio para conseguir safar-se de sua ameaça.

Faz todo sentido entendermos esse processo vivenciado pelas crianças e a forma como se manifesta. Muitas vezes, tem medo do imaginário e da mesma forma que o medo real traz sensações negativas, o medo imaginário traz sensações desagradáveis e por vezes ficam nas mentes infantis interferindo nas respostas emocionais até a idade adulta.

Partindo do conceito da emoção do medo, podemos apresentar três tipos de medo. Mira y Lopez (2012, p. 20) apresenta três formas do medo: “o instintivo (orgânico, corporal e ascendente), o racional (condicionado, psíquico e descendente), e o medo imaginativo.” Para a autora o medo imaginário é dos mais complexo e difícil de ser vivenciado:

O medo imaginário é a variante mais complexa do medo, considerado “torturante”, posto que o “objeto” que o condiciona nunca constituiu causa de medo orgânico para o sujeito e se encontra ligado apenas a um verdadeiro estímulo fóbigeno, através de uma cadeia de associações, mais ou menos larga e distorcida; por isso, tal medo se torna injustificado e incompreensível, não só para os que o analisam com frieza lógica, como para os que sofrem intimamente seus efeitos. (Mira y Lopez, 2012, p. 37)

Quando se trata de uma emoção socialmente construída o medo se relaciona com um sistema predatório de defesa e um sistema social de submissão. Assim,

O medo enquanto emoção natural é manifesta, exerce uma função protetiva, é uma emoção inata e constituinte de todos os seres; por outro lado, enquanto uma emoção construída socialmente o medo social se manifesta e é utilizado para disciplinar os sujeitos: sujeitá-los a determinadas normas sociais (SALGUEIRO, 2019. p. 3).

O medo inato nos protege e nos faz avançar enquanto humanidade, o medo social nos aprisiona, paralisa e impede esse avanço.

Mas afinal o que é o medo?

O que é o medo? É um sentimento complexo, no qual se distinguem claramente dois componentes: sinal de alarme e ansiedade. O sinal de alarme é detonado por um evento inesperado e impeditivo no meio ambiente, e a resposta instintiva do animal é enfrentar ou fugir” (TUAN, 2005, p. 10). É destaque nos estudos sobre o medo as derivações que ocorrem no organismo como resposta emocional orgânica e fisiológica. Ao sentir medo a sensação de palpitação, ansiedade, tremores e suor são naturais. Pode ser transformado em ansiedade caso vivenciado por períodos prolongados

O medo para as crianças tem um significado diferente em relação ao adulto, porque ainda não possui uma maturidade, vivências ou experiências como os adultos. Por ser subjetiva:

Os medos são experimentados por indivíduos e, nesse sentido, são subjetivos; alguns, no entanto, são sem dúvida, produzidos por um meio ambiente ameaçador, outros não. Certos tipos de medo perseguem as crianças, outros aparecem apenas na adolescência e na maturidade” (TUAN, 2005, p. 7).

A resposta emocional aos medos poderá se iniciar na infância, outros apenas na adolescência, entendemos que se difere dos medos dos adultos, sendo muito subjetivo a cada ser humano. Um Estímulo desencadeador de medo para uma pessoa pode não ser desencadeador para outra pessoa. É comum relatos de pessoas que sentem medo de algum animal e outras não, por exemplo. É na infância que se inicia todo o processo da influência sociocultural do medo na vida do indivíduo e principalmente por pessoas próximas da criança como famílias, avós, tios, ou qualquer adulto que cuide dessa criança. Ressalta-se, que, como já afirmado anteriormente as emoções, entre elas o medo, possuem uma função protetiva no

processo de desenvolvimento, sendo, portanto, necessárias. Como afirma TUAN (2005):

[...] começamos com o mundo infantil e exploramos a forma como as crianças se desvencilham de seus sinais de alarme e ansiedades à medida que crescem e adquirem confiança. Porém, o crescimento – ao distanciar-se do conhecido – cria riscos; e a criança, embora adquira poder com mais conhecimento, também fica mais ciente dos perigos, reais e imaginários. A criança desenvolve uma sensação da realidade por meio da associação íntima com os adultos, em especial com a mãe (TUAN, 2005, p. 15).

Dependendo de como for à relação da criança com esse adulto, de como é a relação de confiança, de respeito, pode ser através dessa relação que se desenvolve o medo em muitas crianças, em muitos casos é a própria mãe:

A mãe é o objeto familiar e a base de sustentação a partir da qual a criança se aventura para o futuro, para estabelecer os limites do seu mundo. Porém, a mãe ou a figura parental nem sempre é confiável. Ela pode se tornar irada e parecer arbitrária no seu humor e comportamento. Além disso, os adultos frequentemente tratam as crianças como seres humanos amorfos que devem ser controlados da mesma maneira que são controlados os animais e a natureza indômita; um método comum usado para disciplinar as crianças é inculcar-lhes medo, inclusive de figuras vingativas, como o bicho-papão, bruxas e fantasmas. (TUAN, 2005, p. 15)

Sendo assim, podemos entender que na relação da criança com os adultos que a cerca existe uma relação de poder, se estabelece a confiança da criança com o (s) adulto(s) próximo (s), no entanto, esta confiança pode ser fator de desenvolvimento ou exacerbação do medo inato e natural predispondo a criança a respostas emocionais exacerbadas ou desreguladas. Segundo Tuan (2005, p. 19) “A criança vive em um mundo mágico de inocência e alegria, um jardim protegido do qual os adultos foram expulsos e pelo que se lamentam sempre.”

Quando esse adulto já perdeu esse encantamento e não compreende o universo infantil, pode não saber como lidar com os medos infantis e até transmiti-los de forma cruel as crianças. Repetir situações que reforçam o medo em forma de ameaça pode ser desencadeador de medo na vida adulta.

2.3 Medo e literatura infantil

Após os estudos sobre a emoção do medo, nosso trabalho terá como base de análise sobre a construção social do medo na literatura infantil. Considerando a

importância da literatura infantil e a que se propõem, bem como o papel que exercem na infância, destacamos que ela é parte fundante e é de grande relevância para o desenvolvimento da criança. Neste capítulo daremos uma ênfase a definição da literatura infantil e sua importância para o universo infantil.

Inicialmente, sobre a literatura infantil destacamos que a literatura é uma das mais ilustres conquistas do Homem, sendo o conto infantil “uma chave mágica que abre as portas da inteligência e da sensibilidade da criança, para sua formação integral” (CARVALHO, 1987, p. 18). Nesse sentido os contos infantis devem ser conhecidos e lidos por quem educa (FERNANDES, 2017)

A literatura infantil, abre possibilidades da criança conhecer um universo de imaginação e ao mesmo tempo ser representada em sua realidade.

Esta ideia é sustentada por Bettelheim (1991), quando menciona que as histórias devem cativar a atenção do aluno e despertar nele curiosidade, defendendo que uma história só enriquecerá a vida de uma criança quando despertar a sua imaginação, ajudar a fortalecer o intelecto e a clarificar as emoções. (FERNANDES, 2017, p. 18)

Podemos entender o conceito de literatura infantil segundo esta definição:

A **literatura infantil** é um gênero literário definido pelo público a que se destina. Certos textos são considerados pelos adultos como sendo próprios à leitura pela criança e é, a partir desse juízo, que recebem a **definição** de gênero e passam a ocupar determinado lugar entre os demais livros (GLOSSÁRIO CEALE, 2020, *online*).

Entendemos que a literatura infantil, possui características próprias para a idade e linguagem apropriada, dando a liberdade da criança imaginar, criar, fantasiar, ao que se reserva o universo infantil. Através da imaginação a criança desenvolve habilidades cognitivas, emocionais e sociais. É por meio dos contos que as crianças se identificam com personagens, cenários, situações encontradas nas histórias e isso ajuda na sua construção como sujeito.

Quando percebemos a leitura dos contos infantis como uma experiência de sensibilidade, que nos humaniza, mostra situações vivenciadas nos contos como experiências que nos tornará abertos as necessidades individuais, sociais e emocionais, poderemos apresentar as crianças possibilidades através da leitura como afirma

É nessa perspectiva que compreendemos a leitura literária como experiência vicária e insubstituível. Atividade questionadora,

autobiográfica, humanizadora, que nos aproxima de nós mesmos e do mundo que nos rodeia, tornando-nos mais sensíveis para vivermos a vida em sua dimensão mais bela e poética, mais profunda e ao mesmo tempo mais simples (SILVA, 2020, p. 2).

A literatura infantil nos traz a relevância de apresentar assuntos do meio social, do dia a dia, de interação para nossas crianças de forma lúdica, transformando realidades que podem ser difíceis em situações cujo entendimento alcança a infância. Ao contar histórias, contos, poesias isso acontece de forma a trazer todo um encantamento ao universo infantil, porém através do adulto contador da história o sentido será destinado a cada conto contado.

Podemos observar o conceito da literatura infantil, mas precisamos compreender o conceito de infância, sabendo da importância do processo inicial na vida de um ser humano que é a infância, entendendo também que o conceito de criança é diferente de infância observamos a afirmação

Durante muitos anos, na educação brasileira, tratamos os conceitos de infância e crianças como semelhantes. Os estudos, no campo da história da infância foram os primeiros a apontar a diferença entre esses dois conceitos mostrando como eles foram formulados em momentos distintos. Sabemos que as crianças sempre existiram como seres humanos de pouca idade, mas que as sociedades, em momentos diferentes da história, criaram formas de pensar sobre o que é ou como deve ser a vida nesta faixa de idade. (BARBOSA, 2009. p. 22)

Considerando a diferença do conceito de infância e criança e como entender esse conceito faz toda a diferença no momento em que como educadores lidamos com esses indivíduos, pois muitas crianças não possuem infâncias e historicamente as crianças eram tidas como “adultos em miniaturas” não possuíam direitos legalizados, só após o surgimento da constituição em 1988, as crianças de fato começam a ser sujeitos de direito, sendo assim BARBOSA (2009) nos traz um conceito de criança

As crianças possuem diversas características que as diferenciam entre si. Podem ser meninos ou meninas; negros, amarelos, brancos; surdas ou ouvintes; alegres ou quietas. Podem viver na cidade ou no campo, no litoral, na floresta ou na região ribeirinha. Simultaneamente, apresentam características universais como, por exemplo, a vulnerabilidade com a qual nascem, a intensidade no ritmo de seu crescimento nos primeiros anos de vida e a possibilidade de interagir e aprender em qualquer situação (BARBOSA, 2009, p. 23)

Entendemos que as crianças possuem suas diferenças, porém algo é comum à elas a sua vulnerabilidade ao nascerem necessitando de cuidados de um adulto e como são capazes de aprender.

A infância possui seu próprio conceito como BARBOSA (2009) nos apresenta

A infância somente existe em complementariedade ou em contraposição aos demais grupos etários que nossa sociedade produz isto é, as infâncias se definem em relação aos jovens e também aos adultos e idosos. A infância é uma das categorias geracionais mais recentes. É claro, como dissemos anteriormente, que sempre houve crianças, mas elas não eram reconhecidas como grupo social com especificidades próprias. Foi ao longo dos últimos séculos que a idéia da infância como período separado e diferenciado da idade adulta emergiu. Essa separação e a polarização propiciaram, por um lado, a valorização do pensamento de proteção das crianças, como a defesa contra a exploração pelo trabalho ou o abuso sexual, mas ao mesmo tempo, constituiu um controle, às vezes excessivo, sobre as crianças (BARBOSA, 2009, p, 25)

Sendo assim a concepção de criança e infância se diferenciam, o conceito de infância se torna mais recente e historicamente faz pouco tempo que crianças passam a ter direito a infância, com o surgimento da Constituição de 1988, hoje podemos contemplar esse direito adquirido, mas infelizmente muitas crianças ainda sofrem por não poderem desfrutar de uma infância saudável e adequada.

O papel dos educadores é tornar possível mediante ao ambiente escolar esse direito da criança, uma infância com possibilidades próprias de sua faixa etária.

Nosso papel fundamental nesse processo da formação das nossas crianças é levá-las a descobrir o prazer do imaginário, da arte de criar, do encantamento do belo, mesmo diante de realidades duras e cruéis. O objetivo dos educadores é segundo Cury (2004, p. 66) “O professor deve ajudar o aluno a pensar antes de agir, a não ter medo, a criar a sua própria história, a gerir as suas próprias emoções.” O professor deve contar histórias na sua perspectiva que educar é contar histórias, estas desenvolvem no sujeito a criatividade, educam as emoções, estimulam a sabedoria e a capacidade de resoluções de problemas, enriquecendo a socialização.

A literatura é uma importante ferramenta pedagógica e a literatura infantil parte do processo lúdico inerente a este processo. As narrativas próprias para a infância produzem significados e um mundo imaginário ao qual são transportadas. No entanto, por serem objeto de adultos, família, grupos sociais ou educadores ela pode se transformar em instrumento de regulação comportamental através de

ameaças ou exemplos. É muito comum falas como: ‘se não comer vou chamar o bicho papão’; ‘caso não se comporte o lobo mal vai aparecer’.

O encantar através da literatura infantil é um ato de educar, de contextualizar vivências, mostrar realidades de forma lúdica e dando à criança o direito de imaginar, criar, vivenciar à infância. É preciso respeitar o limite entre esta proposta e a doutrinação que possibilitará a construção social da emoção do medo.

A leitura da literatura infantil é uma leitura prazerosa, espontânea que sugere um universo de descoberta ao seu público alvo: as crianças. Os adultos envolvidos na arte da leitura precisam proporcionar momentos em que aflore o prazer pelo ato de ler e estimule as crianças à leitura literária desde muito cedo. Entendendo sua importância, Solé (2014) afirma

Ler por prazer. Pouco posso dizer sobre este objetivo, e é lógico, pois o prazer é algo absolutamente pessoal, e cada um sabe como o obtém. Assim, talvez a única coisa a ressaltar neste caso é que a leitura é uma questão pessoal, que só pode estar sujeita a si mesma. Neste caso, o leitor poderá reler um parágrafo ou mesmo um livro inteiro tantas vezes quanta for necessário; poderá saltar capítulos e voltar a eles mais tarde; o que importa, quando se trata deste objetivo, é a experiência emocional desencadeada pela leitura. É fundamental que o leitor possa ir elaborando critérios próprios para selecionar os textos que lê, assim como para avaliá-los e criticá-los. Talvez valha a pena fazer um comentário. Em geral, a leitura por prazer associa-se à leitura de literatura. (SOLÉ, 2014, p. 96)

A primeira infância é o momento do despertar para a literatura infantil, em especial os contos e entre os contos os de “fadas” que trazem muitas figuras de linguagem, a fantasia que as crianças nessa faixa etária apreciam e descobrem com muito encantamento, como Fragoso (1998) afirma

Os interesses literários nesse período são muito amplos e vão evoluindo, conforme avança a capacidade de representação. Antes dos três anos, os leitores gostam de histórias muito curtas, de temas simples e claros, de idéias e de linguagem. Os temas devem apresentar situações que as crianças vivenciam em seu cotidiano: a família, a casa, seus brinquedos, animais domésticos e festas. Também são adequadas as canções repetitivas e as narrações em que aparecem vozes diversas e sons onomatopéicos. A partir dos quatro entra em jogo um novo fator que a criança aprecia: a fantasia. Os contos de fada são apropriados para essa fase. (FRAGOSO, 1998, p.48)

É por meio dos contos literários na primeira infância que a criança terá o contato com as artes, a imaginação, a afetividade e a contação de história através

das narrações será de grande importância nesse processo cognitivo, afetivo e social da criança. Como educadores e famílias nossa responsabilidade é apresentar a esses novos leitores e apreciadores da literatura infantil, esse novo mundo com seus enriquecimentos para o crescimento das crianças que segundo Fragoso (1998):

A atividade narrativa deve ser a base primordial da animação da leitura na primeira idade, porque é o primeiro contato da criança com o feito literário. É conhecido de todos o interesse que despertam nela as narrações. A criança, por sua grande capacidade de afetividade e por sua facilidade de converter o fantástico em real, necessita do conto e da narração. Os relatos enriquecem seus conhecimentos e colocam em andamento sua imaginação. Estimulam a sensibilidade artística mediante imagens atrativas. (FRAGOSO, 1998,p.48)

Compreendemos que a literatura infantil é de suma importância no desenvolvimento da criança a partir da sua primeira infância, podendo gerar um grande apreço pelo hábito da leitura. Sendo assim, os contos infantis abrem possibilidades para que a criança desenvolva habilidades emocionais, cognitivas, afetivas, sociais, trazendo um crescimento baseado num processo de apreço por narrativas que trarão o despertar de assuntos relacionados ao cotidiano mas que darão oportunidades ao imaginário e a fantasia, fazendo com a criança viva de forma lúdica sua infância e mesmo assim aprenda conteúdos necessários para seu desenvolvimento cognitivo, emocional, afetivo e social.

Tendo o entendimento da importância da literatura infantil, entendemos que os contos, principalmente os de “fadas” trazem a fantasia como meio lúdico para se explorar o universo infantil, sua importância é totalmente válida e deve ser utilizado como forma de recurso do aprimoramento do aprendizado das crianças em geral. Nossa reflexão é sobre o como pode ser desencadeante do medo.

3 PERCURSSOS DA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Metodologicamente esta é uma pesquisa bibliográfica exploratória; segundo Gonsalves, (2011, p. 67),

A pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma aproximação a determinado fenômeno que é pouco explorado.

A pesquisa bibliográfica, segundo Inácio Filho (1995, p.76),

[...] é o conjunto de publicações, quer sob a forma de livros, quer sob a forma de artigos de jornais e revistas científicos e/ou de notícias e

outras fontes, que se pretenda utilizar na elaboração do trabalho de pesquisa em todas as suas fases.

Quanto a abordagem, esta é uma pesquisa qualitativa que “tem como objetivo compreender, descrever e explicar os fenômenos sociais” (FLICK, 2013, p. 107).

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Após a etapa de revisão bibliográfica e do aprofundamento teórico realizamos uma etapa de pré análise a partir da leitura de histórias da literatura infantil clássica para definição do *cópus* da pesquisa objetivando identificar narrativas em que a emoção do medo estivesse presente nas trajetórias dos personagens. Essa etapa possibilitou a definição das seguintes histórias infantis nas quais encontramos fatos ou personagens que servem como Estímulo Emocional Competente para o medo: Branca de neve, Chapeuzinho Vermelho, João e Maria e Os Três Porquinhos. As histórias desenvolvem no imaginário infantil uma narrativa de construção social do medo segundo conceituação de autores como DIAS (2007) E BAUMAN (2008).

Após a definição das histórias procedeu-se uma análise rigorosa do objeto de estudo com a utilização da análise de conteúdo. Esta técnica é muito utilizada e bastante propícia a pesquisas qualitativas porque possibilita uma imersão no referencial teórico estudado. Para Bardin (2011) a análise de conteúdo se constitui de várias técnicas onde se busca descrever o conteúdo emitido no processo de comunicação, seja ele por meio de falas ou de textos. Ainda segundo Bardin (2011) “tendo a disposição resultados fiéis e significativos, pode o analista propor inferências e adiantar interpretações a propósitos dos objetivos previstos”. A leitura dos contos com vistas à reflexão sobre o objeto de estudo possibilitou uma aproximação com as narrativas, linguagem e personagens.

4 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA EMOÇÃO DO MEDO NOS CONTOS INFANTIS

A reflexão sobre o tema desse estudo baseou-se nas histórias infantis cujas narrativas apresentam situações em que os personagens são apresentados em situações causadoras de emoções sendo a emoção do medo fundamental para a construção dessas narrativas. Atendendo aos objetivos propostos a análise pautou-se por evidenciar nas trajetórias das histórias a construção do medo que, da forma como é apresentado reflete a sociedade e as relações que se constroem e fazem parte do desenvolvimento do sujeito da infância à vida adulta.

É relevante destacar que os personagens sempre são apresentados numa relação de poder hierárquica cuja polarização reflete o poder de uns sobre os outros. Para Dias (2007, p. 1), “o medo social é produto de relações desequilibradas, em qualquer dos campos da acção humana, havendo actores que nos sistemas sociais dele mais beneficiam, e outros que por ele se deixam dominar”. Nas histórias destacam-se ainda um dualismo entre o bem e o mal ou o forte e o fraco que caracterizam um modelo de sociedade.

O maniqueísmo é uma forma de pensar simplista em que o mundo é visto como que dividido em dois: o do Bem e o do Mal. A simplificação é uma forma primária do pensamento que reduz os fenómenos humanos a uma relação de causa e efeito, certo e errado, isso ou aquilo, é ou não é. (LIMA, 2001, p.6).

Nas histórias estudadas o medo nos é apresentado como uma resposta emocional causada pelos estímulos geradores desta emoção. Branca de neve é uma história de 1812, dos irmãos Grimm que apresenta como personagens Branca de neve, a Rainha, a Madrasta, a Bruxa, os Sete anões e o príncipe. A Branca de neve é a mais bela, desperta a raiva em sua madrasta que, usando de sua autoridade pede ao caçador para matar a branca de neve. “- a rainha fingiu ser uma velha vendedora e ofereceu uma maçã para a Branca de Neve.” (Texto Adaptado)

Observa-se no desenrolar da história que, a emoção da raiva é definidora dos rumos da história e propicia causar os estímulos emocionais competentes do medo na personagem Branca de Neve. A narrativa traz uma personagem que imbuída do poder de ser mais forte, adulta desencadeia fatos que causam o medo na personagem da branca de neve que por sua fragilidade sofre com essa emoção e responde fugindo da situação e da pessoa causadora desse medo. É importante destacar que a emoção do medo causa respostas naturais como paralisação ou fuga.

Todos os seres vivos reagem a ameaças contra a própria integridade, mas alguns têm melhor equipamento para lutar (ou fugir): garras afiadas, músculos fortes ou pernas velozes. Outros, por instinto, conseguem enganar seus inimigos. Os seres humanos, sobretudo na primeira infância, também reagem impulsivamente aos estímulos ameaçadores. Um rumor forte, ainda que inofensivo, alarma e sobressalta (FERRARIS, 2008, p. 1).

O medo estabelecido na história é o medo da figura ameaçadora da madrasta. Apresenta-se como um medo do ataque, da morte. Apresenta-se como

uma ameaça destruidora da própria existência material da personagem. Na história encontramos ainda a sobreposição do bem sobre o mal na figura dos anões que recebem e protegem a personagem e ainda a figura do bem na presença do personagem salvador que é o príncipe.

É importante destacar que essa história reproduz uma imagem social da figura da madrasta como malvada. Em substituição à mãe elas se tornam ameaçadoras e temerosas. Apesar de ser um fato que não corresponde necessariamente a realidade em todos os casos existe um ideário construído sobre a Má-drasta.

A Chapeuzinho Vermelho é uma história de 1697, de Charles Perrault que apresenta como personagens Chapeuzinho Vermelho, a mãe da chapeuzinho, a vovó da chapeuzinho, o lobo e o caçador.

Chapeuzinho Vermelho é uma garota que obedecendo sua mãe e sabendo que sua avó estava doente, vai levar doces para ela, no caminho chapeuzinho encontra o lobo que a engana e a faz ir por um caminho mais longo, para que o mesmo chegue primeiro à casa da vovó.

Observamos nessa história que a figura do “lobo mau” é a figura do animal selvagem que engana criança, engole a vovó e sua intenção é devorar a chapeuzinho vermelho, a figura do lobo traz o medo por ser um animal feroz, as crianças normalmente desenvolvem medo de animais selvagens e o que dispara esse medo de animais?

A resposta não é simples. Movimentos bruscos são uma causa; crianças pequenas olham o sapo com suspeita porque ele pode pular inesperadamente. Animais grandes e peludos, em razão de seus tamanhos e formas estranhas, produzem sinais de alarme. Um pequeno incidente, como tropeçar na coleira de um cachorro, pode mudar a atitude de uma criança em relação à espécie canina da cautela para o medo agudo. (TUAN, 2005, p. 23)

O medo de animais pode se desenvolver em razão da dedução como afirma Tuan (2005, p. 23) “As crianças aprendem rapidamente a ter medo de animais por meio de sua capacidade de dedução.” Ao irem a um zoológico as crianças percebem que os animais estão enjaulados que segundo Tuan (2005, p. 23), “elas são levadas ao zoológico, onde parecem se divertir. Percebem, no entanto, que os animais no zoológico estão enjaulados: a dedução é que os animais são perigosos.” As crianças

fazem a relação que se o animal está preso ele portanto é perigoso e isso desperta o medo.

Ressalta-se nessa situação que este medo do animal está diretamente relacionado ao sinal de alerta do perigo, no entanto vivenciado num limite de regulação emocional ele é fundamental para a nossa espécie. A função adaptativa dessa emoção nesse sentido é a de preservação da vida. Produz o sentimento de autopreservação sem o qual estaríamos expostos a extinção. Segundo Santos (2003, p. 2), “em um sentido estrito do termo, o medo é concebido como uma emoção-choque devido à percepção de perigo presente e urgente que ameaça a preservação daquele indivíduo”.

Assim questiona-se então os limites entre essa necessidade de se proteger e o medo desregulado que interfere no desenvolvimento natural dos indivíduos. É necessário guardar as proporções para não exacerbar os estímulos e gerar respostas emocionais que dificultam a vivência e convivência adequadas ao longo da vida.

A figura da vovó e da Chapeuzinho Vermelho são figuras que se mostram indefesas, a Chapeuzinho por ser uma criança e a vovó por ser uma idosa, ambas representam figuras desprotegidas. O Caçador é a figura do Herói que chega para salvar a vovó e a chapeuzinho vermelho, conseguindo assim libertá-las das garras do lobo.

Identifica-se aqui também a retórica da luta entre o bem e o mal.

João e Maria é uma história de 1812, dos irmãos Grimm, com os seguintes personagens João e Maria, o pai, a madrasta, a bruxa. Nessa história as crianças sofrem com um plano cruel da madrasta que sugere que elas sejam deixadas na floresta e não consigam voltar para casa, o pai concorda com esse plano e coloca as crianças em risco na floresta, ao serem abandonadas elas tentam achar abrigo, encontram uma casa em formato de doces e se encantam, pois estavam famintas, ao entrarem uma mulher se apresenta, os acolhe e os alimenta, mas toda essa “bondade” no outro dia se transforma, pois essa mulher é uma velha bruxa que tem a intenção de engorda-los para comer as crianças.

O medo de bruxas é apresentado por ser ameaçadora e por desejar matá-las, tendo a intenção de acabar com as crianças, segundo Tuan (2005, p. 167).

Uma bruxa é uma pessoa que lança injúria por meio da prática de poderes excepcionais. Esses poderes podem ser considerados

sobrenaturais porque operam de uma maneira que não pode ser detectada; a causa é reconhecível somente quando o dano torna-se conhecido. A crença nas bruxas de certo modo é universal.

Socialmente os adultos acabam inculcando nas crianças figuras vingativas para construírem medo como uma forma de controlá-las. Segundo nos afirma Tuan (2005):

Além disso, os adultos frequentemente tratam as crianças como seres humanos amorfos que devem ser controlados da mesma maneira que são controlados os animais e a natureza indômita; um método comum usado para disciplinar as crianças é inculcar-lhes medo, inclusive de figuras vingativas, como o bicho-papão, bruxas e fantasmas (TUAN, 2005, p. 15).

Para as crianças essas figuras vingativas tornam-se apavorantes e na história de João e Maria a bruxa tem essa representação vingativa, que premedita todo o plano para a destruição de João e de Maria. A esperteza de Maria na história se torna surpreendente, pois foi através de um descuido da bruxa que Maria a coloca no fogo preparado para assar João e com isso eles conseguem escapar.

As respostas ao medo podem ser paralisantes, ou de enfrentamento ou fuga. Passado o primeiro momento a resposta da personagem foi natural a essa emoção que foi o enfrentamento.

Os três Porquinhos, é uma história de 1853, escrita por Joseph Jacobs, tendo como personagens: os Três porquinhos e o Lobo Mau.

A história se apresenta quando os três porquinhos constroem suas próprias casas, sendo a primeira casa de palha, a segunda de madeira e a terceira casa de tijolos, em outras versões de pedra. O Lobo aparece querendo devorar os porquinhos, o lobo derruba a casa do primeiro porquinho por ter sido feita de palha um material impróprio e pouco resistente, o porquinho se sente amedrontado mas consegue fugir da ameaça do lobo para a casa do segundo porquinho, uma casa de madeira, o lobo em perseguição consegue derrubá-la também por ser um material não muito resistente, os dois porquinhos conseguem fugir para a casa do terceiro porquinho . Este construiu sua casa com o material mais resistente o que impediu o lobo de a derrubar. Exemplificando a imagem da ameaça o lobo não desiste e sobe na chaminé sendo queimado pelas chamas deixando os porquinhos em paz.

A figura do lobo se apresenta novamente como o animal feroz que quer devorar os porquinhos como Tuan (2005, p. 23), “Animais grandes e peludos, em razão de seus tamanhos e formas estranhas, produzem sinais de alarme.”

O medo pelo tamanho do animal dispara instantaneamente o medo, tornando assim a figura do lobo assustadora. Tendo um final interessante, visto que o lobo se transforma em uma refeição para os porquinhos, mais uma vez o bem na figura dos porquinhos vencendo essa dualidade do bem e o mal.

Quando o medo se apresenta para as crianças em imagens ameaçadoras, perigosas, vingativas é interessante observar as respostas emocionais sempre na busca da sobrevivência comum aos seres vivos.

A abordagem do medo nas histórias apresentadas estabelece símbolos que são identificados socialmente como ameaçadores e reconhecidos por todos. Ao identificarmos os símbolos respondemos emocionalmente a eles.

Existe uma simbologia inerente aos personagens. A maneira pela qual os símbolos são utilizados é parte essencial de nosso processo de interação com o ambiente. Por esse motivo, pode-se considerar um símbolo como algo que é percebido pelos sentidos. Ele pode ser escrito, falado, visto ou ouvido (AGGIO, 2004, p. 6).

Ao contar histórias estamos construindo símbolos e produzindo emoções e respostas emocionais.

A narrativa faz parte da vida da criança desde quando bebê, através da voz amada, dos acalantos e das canções de ninar, que mais tarde vão dando lugar às cantigas de roda, a narrativas curtas sobre crianças, animais ou natureza. As crianças bem pequenas, já demonstram seu interesse pelas histórias, batendo palmas, sorrindo, sentindo medo ou imitando algum personagem. Neste sentido, é fundamental para a formação da criança que ela ouça muitas histórias desde a mais tenra idade (FARIAS; RUBIO, 2012, p. 9).

Assim:

O que é monstruoso ou o que gera medo varia de uma pessoa para outra, conforme a família, a cultura, a época. A imaginação é um instrumento fundamental de elaboração e construção da nossa identidade. Sair de casa expulsa pela madrasta, enfrentar um ogro, encontrar no amor a solução de todos os males, travar uma luta mortífera com figuras poderosas e aventurar-se na floresta, virar comida de uma bruxa (FARIAS; RUBIO, 2012, p. 11).

Portanto a necessária relação da criança com a literatura infantil e os resultados daí produzidos serão construtores dos processos identitários e da nossa relação com os estímulos emocionais competentes para respostas emocionais positivas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho podemos entender que as emoções dos indivíduos são inatas e a emoção do medo tem suas implicações no desenvolvimento do indivíduo sendo muitas vezes construído socialmente por pessoas próximas à criança.

Podemos perceber a importância da literatura infantil para o desenvolvimento da infância, pois através da literatura a criança poderá imaginar e isso remete ao processo de criatividade despertando para um crescimento.

A relação da criança com a literatura infantil se inicia com a mediação de adultos e as narrativas e personagens causadores da emoção do medo sofre interferência das relações construídas no meio social real.

As histórias analisadas trazem figuras que despertam no imaginário infantil medos como a figura da bruxa, da madrasta e do lobo mau. O despertar dos medos nas crianças podem e é na maioria das vezes uma forma de controle, inculcando a elas que essas figuras são perigosas e trarão malefícios se as mesmas não obedecerem, não se comportarem. Isso assume um caráter disciplinador via ameaças.

As emoções parte da percepção do indivíduo em sua integralidade deve ser conhecida\reconhecida e vivenciada positivamente.

A educação a partir da função dos educadores deve permear as relações entre imaginário e real pela literatura infantil propiciando uma educação emocional que forma indivíduos emocionalmente competente.

REFERÊNCIAS

AGGIO, Natalia Maria *et al.* O papel das emoções na aprendizagem do comportamento simbólico. **Perspectivas em análise do comportamento**, v. 5, n. 1, p. 27-39, 2014.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Autores da Escola da Infância. *In*: BARBOSA, M. C. S. **Práticas cotidianas na educação infantil** - bases para a reflexão sobre as orientações curriculares -. Brasília: Ministério da Educação, 2009. Capítulo 2. p. 22-40.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. Medo Líquido. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CARGNIN, Simone. Algumas contribuições das neurociências para estudo da relação entre o afeto e a cognição. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 8, n. 2, p. 473-504, 2008. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844626023.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2020.

CURY, Augusto. **Famílias brilhantes, professores fascinantes**: como formar jovens felizes e inteligentes. Cascais: Pergaminho, 2004.

DIAS, Fernando Nogueira. O medo social e os vigilantes da ordem emocional. Instituto Piaget, 2007.

FARIAS, Franci Rennia Aguiar de; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. Literatura infantil: a contribuição dos contos de fadas para a construção do imaginário infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 3, n. 1, 2012.

FERNANDES, Mariana Duarte da Costa. **A Importância da Literatura Infantil no Desenvolvimento Sócio emocional das Crianças**. Relatório Final em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, apresentada ao Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre Constituição do júri, 2017. Disponível em:

<https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/23137>. Acesso em: 26 nov. 2020.

FERRARIS, Anna Oliverio. Que medo. **Revista Mente e Cérebro**, edição 183, 2008.

FLICK, Uwe. **Introdução de Metodologia de Pesquisa**: um guia para iniciantes. São Paulo: Penso Editora, 2013.

FRAGOSO, Graça Maria. O livro, a biblioteca e a primeira infância - TRILOGIA DO AFETO. **Revista Presença Pedagógica**, v. 4 n.22 jul/ago. 1998.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: 5ª ed. Editora Alínea, 2011.

GLOSSÁRIO CEALE. **Literatura infantil**. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/literatura-infantil>. Acesso em: 26 nov. 2020.

GRIMM, Irmãos (2002). **Contos de Fadas**. (Branca de Neve e João e Maria) 4ª ed. São Paulo: Iluminuras.

INÁCIO FILHO, Geraldo. **A Monografia na Universidade**. São Paulo/Campinas: Papirus, (Coleção magistério: Formação e trabalho pedagógico), 1995.

JACOBS, Joseph. **Os Três Porquinhos**. Editora: Ciranda Cultural Ano: 2014

LIMA, Raymundo de. O Maniqueísmo: o Bem, o Mal e seus efeitos ontem e hoje. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 1, n. 07, 2001.

PENAULT, Charles. **Clássicos de Todos os Tempos**. (Chapeuzinho Vermelho). Editora Principis. Edição 2019. 128p.

POSSEBON, Elisa Gonsalves. **As emoções básicas**: medo, tristeza e raiva – Coleção Educação Emocional volume 2, João Pessoa: Libellus, 2017a, 90p.

POSSEBON, Elisa Gonsalves. **O universo das emoções: uma introdução** – Coleção Educação Emocional, volume 1, João Pessoa: Libellus, 2017b, 83p.

SALGUEIRO, Marilene. **A emoção do medo**: medo social e construção social do medo. (2018) Palestra em vídeo. Disponível em: A emoção do medo: medo social e construção social do medo. Dra. Marilene Salgueiro – Youtube 24m54s. Acesso em Agosto 2020.

SILVA, Nívea Priscilla Olinto da. Literatura infantil e os conflitos emocionais na infância: tecendo caminhos para uma pedagogia das emoções. **Associação de Leitura do Brasil**. Disponível em: [untitled \(alb.org.br\)](http://untitled.alb.org.br). Acesso em: 28 nov. 2020.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução: Cláudia Schilling; revisão técnica: Maria da Graça Souza Horn. 6 ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005, 375p.